



DER GRÖSSTE UND EIN KIND - Beate Heinen, 1995.

## **A EXPERIÊNCIA DA BELEZA E A ESPIRITUALIDADE DAS CRIANÇAS**

Maria da Conceição Moita

**A iniciação à fé cristã das crianças de hoje  
- da teologia à pedagogia**

**3 a 5 Outubro 2009**

# **A experiência da beleza e a espiritualidade das crianças**

4.10.09

Maria da Conceição Moita

Rasgaste em toda a parte veios de água.

Mas a sede

temos nós que procurá-la.

- José Miguel Silva, *O sino de areia*, 1999

Aceitei trabalhar convosco esta temática porque me seduz de modo indescritível. Acreditei que esse facto compensaria a minha incompetência para o fazer de maneira adequada. Ingenuidade. De qualquer modo, 'a viagem' que fiz para estar hoje aqui foi de uma riqueza extrema. A sedução é ainda maior.

O que vos deixo são alguns apontamentos que podem abrir o apetite para aqueles de nós que quiserem aprofundar um aspecto ou outro do que fica dito.

## **1. A beleza e a nossa experiência**

A experiência de cada um de nós diz-nos de modo gritante –a beleza existe. Existe sem que à primeira vista a sua necessidade seja evidente. Ela aí está de modo omnipresente, insistente, penetrante, dando a impressão de ser supérflua. É esse o seu mistério.

E cada um de nós é virtualmente habitado pela capacidade de criar beleza, de fruir da beleza e sobretudo de desejar a beleza.

Esta experiência não nega nem exclui a iniludível existência do feio.

## 2. A beleza da natureza

Na natureza não é difícil encontrar os elementos que tecem em nós o sentimento do belo que muitas vezes experimentamos: desde o esplendor do céu cheio de estrelas no azul da noite, até à força do rio que corre no meio da planície; desde um cipreste esguio num campo aberto, até ao mar limpo e profundo onde podemos mergulhar; desde a magnificência da aurora ou do pôr-do-sol por todo o lado no mundo, até ao deserto imenso onde emergem os oásis.

Na natureza existem também as pequenas coisas que se nos dão, na sua simplicidade e no seu esplendor - uma haste de alfazema, uma teia de aranha iluminada pelo sol, um pássaro que canta quando começa a clarear.

Alguns de nós têm particular capacidade para descortinar o belo naquilo que um olhar “menos trabalhado” impede de ver - a textura de um tronco de árvore, os calhaus rolados na baixa mar, a cor dos dióspiros no fim do verão.

Esta listagem de aparições espantosas pode parecer feita de clichés. E no entanto existem, e contemplá-las pode ser ocasião para ver ‘aquilo’ do universo, como se fosse pela primeira vez.

A beleza, onde quer que a encontremos, é sempre um acontecimento. Exige de nós uma particular harmonia entre a sensibilidade e o entendimento. Pode ser um encontro surpreendente. Mas sendo assim é também uma procura, a exigir um olhar preparado, uma capacidade de estancar para que o encantamento aconteça. É por isso que a nossa pressa impede a fruição da beleza que pede para ser procurada e contemplada.

Subitamente aparece-nos a beleza humana que muitos autores consideram uma questão mais complexa uma vez que no humano se cruzam várias dimensões que se potenciam ou se reduzem. A beleza do corpo de uma mulher ou de um homem pode maravilhar-nos e seduzir-nos. Mas a beleza nem sempre é a perfeição. E todos reconhecemos que é no rosto e sobretudo

no olhar que está contido o melhor da beleza humana. A luz presente num olhar vem de dentro, daquilo que há de mais profundo em cada pessoa. Mas essa luminosidade pode vir também do exterior, sobretudo quando o olhar capta, mesmo por um instante, qualquer coisa de belo ou quando encontra um outro olhar de amor e de ternura.

O humano foi feito à imagem e semelhança de Deus. Se Deus é a própria Beleza, os homens e as mulheres tem sempre “traços de família”. Às vezes é preciso atenção especial para descobrir esses traços. Porque eles estão lá. Cada pessoa é uma história de beleza.

Explorando esta ideia, Paul Evdokimov, num texto sobre a beleza e os Padres da Igreja (fonte: [www.ecclesia.com.br](http://www.ecclesia.com.br)) escreve que, para Dionísio, a Beleza é um dos nomes de Deus. E explicitando esta perspectiva da teologia da beleza considera:

- *“ o cariz teológico da beleza é percebido como presença, tensão e fogo imanente à criação*

- *cantando a beleza do Criador, isto é entrando no dinamismo de gratuidade do amor divino, todo o homem é poeta e artista e em diálogo com a criação da qual de algum modo faz parte, se cria e se deixa criar.*

- *uma noção de beleza, que tem como paradigma último a Encarnação, admite em si, enquanto conceito relacional entre Deus e o Homem, a indigência da criação, o caos e a fealdade.»*

Importa sublinhar é que a bondade está inevitavelmente ligada à beleza. “A ética é a estética do interior”. Eu diria que a bondade vem à cara, vem ao modo de olhar, de sorrir. A bondade é bela. François Cheng (2006) cita Plotino que escreve – “quando se vê alguém bom, apreciamos e amamos o seu rosto que pode ser feio (segundo o senso comum). A aparência exterior é desvalorizada e o que mais impressiona é a beleza interior que ilumina.”

Que significa a beleza na nossa própria existência? Que fazemos dela?

Os humanos utilizam de muitos modos a beleza que a natureza lhes oferece. Mas havemos de reconhecer que muitas vezes e de muitos modos a humanidade atraiçoa e desdiz a palavra que lemos no Génesis: “e Deus viu que tudo era bom” (Gn 1,25). A destruição da terra e dos seus recursos, o uso dos bens comuns para serviço do interesse de alguns, a compra e venda das pessoas e do fundo da sua dignidade, a moda e a sua ditadura omnipresente em parte do mundo, o culto do corpo que distorce visões da pessoa – tudo isto impele a uma reacção saudável de indignação e de vontade de concretizar nas nossas vidas práticas alternativas.

Mas que nada nos impeça de celebrar a beleza, de aprender a celebrar a beleza, sabendo o que nos diz Raimon Panikkar (2002) “o contacto com o belo presente na natureza é um dos meios privilegiados de fazer a experiência de Deus”.

Queria deixar uma curta nota sobre a presença do tema da beleza na Bíblia. Verificamos que o Antigo Testamento está cheio de referências explícitas à beleza – das coisas, das pessoas, do universo.

Nos Evangelhos porém não há frequentes alusões à beleza e as pessoas são retratadas pelas suas características psicológicas ou sociológicas.

Jesus não fala expressamente de beleza quando diz aos seus discípulos: “olhai os lírios do campo que não fiam nem tecem e nem Salomão em toda a sua glória se vestiu como eles” (Mt 6,28-29). Mas, implicitamente, comparando o que não tem comparação, aponta para a beleza que existe na natureza.

Gostaria de salientar o facto dos evangelistas narrarem um acontecimento sem descrever os seus efectivos contornos – o da transfiguração de Jesus (Lc 9,28-36). Que transfiguração foi essa, que mudança, que luz? Tudo tão efémero!

Por quê esta teofania? Que beleza e bem-estar foram esses que levaram os apóstolos a dizer: “Façamos aqui três tendas”?

### 3. A beleza nas artes

Abordemos agora outro lugar privilegiado da revelação do belo. Para além da beleza da natureza existe a beleza que nos chega através das artes: da música, da pintura, da escultura, do cinema, do bailado, da literatura...

No *Dictionnaire de Spiritualité* (1932-1995) encontrei uma definição de obra de arte que considere interessante: “uma obra de arte, no seu sentido pleno, é a expressão do espírito na matéria. Assim a obra de arte, estando sujeita à matéria que a suporta, é expressão do espírito humano. Podemos dizer que toda a obra de arte é fruto da espiritualidade”.

Mas o que é o belo na arte? Esta questão atravessou a história do pensamento filosófico. Belo, bonito, gracioso, maravilhoso, soberbo ou até sublime são adjectivos que usamos para indicar alguma coisa que nos agrada.

Cito de memória Alberto Caeiro que escreveu “ a beleza é o nome de qualquer coisa que não existe, é o nome que eu dou às coisas em nome do agrado que me dão”. Esta afirmação aponta o carácter subjectivo e relativo do conceito de beleza.

No livro *História da Beleza*, orientado por Umberto Eco (2005), lê-se que a beleza nunca foi algo de absoluto e imutável, mas assumiu rostos diferentes segundo o período histórico e a região do mundo. E sublinha até que, na mesma época, houve diferentes concepções de beleza nomeadamente na pintura e na literatura.

É possível que existam ideias diferentes de beleza entre alguns de nós. Mas há momentos em que tudo parece consensual. Por exemplo, quando ouvimos ou lemos este poema de José Tolentino de Mendonça:

Os que se afadigam com duros fardos  
Os que esgotam entre canseiras sua porção:  
Como ramo que reverdece terão ainda vigor.

Os de ânimo abatido levantarão o olhar;  
Uma estrela guiará nossos passos dispersos:  
não mais seremos expostos à solidão.

Ao que chora será dito: “alegra-te!”

Ao da margem alguém gritará:  
“junta-te ao júbilo da dança!”

Os que lamentam tesouros gastos  
reaprenderão a esperar pelo orvalho.

E em qualquer canto da cidade,  
quem reparte a vida e a beleza  
será chamado o fermento de Deus.

Mas sabemos que o gosto é muito relativo. Afirmamos frequentemente – fulano tem muito bom gosto, ou fulana tem um gosto execrável. Este juízo de valor aponta para a existência de critérios estéticos ou para a discussão entre gosto pessoal e o valor artístico. Há muitos que consideram que os critérios estéticos ou a formação do gosto ou a capacidade de julgar se uma obra tem qualidade artística ou não, exigem *a priori* uma formação, uma informação ou se quiserem alguma endoutrinação acadêmica ou informal, um entendimento da história das artes, que possibilitem *a posteriori* ser capaz de uma emoção intuitiva diante de uma obra de arte e capazes de entender rupturas e continuidades nas formas de expressão artística.

Porém, constatamos que muitos artesãos, sem qualquer formação especial, repetem expressões aprendidas a partir de determinados cânones estéticos e manifestam nisso uma grande sensibilidade artística. Outros, nem tanto.

Ouvimos muitas vezes pessoas dizer perante uma obra de arte contemporânea: ‘isto até uma criança fazia’ ou ‘isto não me diz nada’...

Há que saber interrogar a obra que nos é exposta e tentar criar um distanciamento que nos ajude a ler o objecto que temos diante de nós. (É útil duvidar do perfeito, do ‘tal e qual’, da cópia, do estereótipo). E tenhamos em conta que na arte contemporânea não há uma preocupação expressa de “criar beleza” e que esta conotação pode ser sentida como pejorativa quando associada à obra de um artista. Então, a boa atitude diante de um produto artístico é, como referi, a interrogação.

E vale a pena reter o que refere Paulo do Vale (2008) “cada época tem de encontrar a sua forma de expressão, porque a imitação de fórmulas ou modelos anteriores torna-a vazia, “sem alma”. A Vida manifesta-se na obra de arte.”

Assim, não temos que ter ‘medo’ da arte contemporânea, nem da arte do renascimento ou da idade média...Na expressividade artística há sempre uma ‘beleza’, às vezes escondida, que nos interpela.

Para François Cheng, que me acompanhou este verão com seu livro *Cinq méditations sur la beauté* (2006)

*-“ a beleza é sempre uma chegada, para não dizer uma epifania, um aparecimento. Os chineses pensam que a beleza não é estática nem se dá a ver uma vez por todas: como uma montanha envolta na bruma ela é vista conforme as circunstâncias, os momentos, a luz. A sua manifestação é sempre inesperada. É um acontecimento.*

*- a beleza implica um entrosamento, uma interacção, um encontro entre os elementos que constituem a beleza, entre a beleza presente e o olhar que a capta.*

*- desse encontro, se é verdadeiramente profundo, nasce qualquer coisa outra, uma revelação, uma transfiguração”.*

O que nos é pedido então é aprofundar a capacidade de receptividade. Só uma postura de acolhimento nos permitirá recolher a parte da verdade que nos oferece a vida.

O que nos é pedido é uma atenção desperta. Muita gente olha e não vê, ouve e não escuta, come e não saboreia, toca e não sente.

O que nos é pedido é a capacidade de ser surpreendido pela beleza, com todos os nossos sentidos

O que nos é pedido é educar a sensibilidade que potencia tudo o que nos põe em relação com o real. Educar, valorizar em nós e nos outros essa capacidade extra-sensorial que relaciona visível e invisível, o invisível com o visível, acolhendo e contemplando as pessoas, o mundo e as verdadeiras manifestações de arte.

#### **4. A espiritualidade e a espiritualidade cristã**

A espiritualidade é uma dimensão da pessoa humana que busca alcançar a plenitude da sua relação com o transcendente e que procura um sentido para a sua vida na abertura e na liberdade.

Enzo Bianchi, no seu livro *Vita interiore, vita spirituale* (1999) ajuda-nos a distinguir espiritualidade humana e espiritualidade cristã. *“A vida espiritual está enraizada na existência humana sem evasões e sem isenções; não é o contraponto da vida material “corpórea”, porque sendo vivida por um humano diz respeito à pessoa enquanto totalidade. Mas a expressão ‘vida espiritual’ é muito ampla, porque diz respeito a todo o homem quer seja crente ou não, cristão ou pertencendo a outra religião: é uma dimensão da experiência humana, porque todo o homem vive ‘espiritualmente’. O fundamento da vida espiritual é a exigência de sentido que habita o humano”.*

*Porém, a espiritualidade cristã nasce da palavra de Deus a cada cristão no dia do seu batismo: ‘tu és o meu filho!’ Filho no Filho Jesus Cristo, e por isso filho amado, filho chamado a ‘respirar o Espírito Santo’ participando assim na própria vida de Deus. Vida interior e vida exterior – animada pelo Espírito Santo, no seguimento e na intimidade de Jesus.”*

Esta espiritualidade ultrapassa em muito o simples cumprimento da participação na liturgia e o conhecimento da doutrina e tradição cristã. É uma experiência de encontro com Alguém que se desenvolve na intimidade, na fé e no amor. É uma experiência que envolve a vida toda, em todas as suas dimensões.

Foi para viver esta espiritualidade que fomos batizados. E todos somos chamados a ela – não é só vocação de monges e de pessoas particularmente piedosas. É a vocação cristã.

## **5. A beleza e a espiritualidade**

A beleza salvará o mundo - escreveu Dostoiévski no seu livro *O idiota*. Que sentido pode ter esta afirmação?

Há momentos na vida de alguns de nós em que determinados ambientes, normalmente associados à beleza, são motivo para experiências muito fortes. Lembro aqui um artigo do frei Bento no jornal *Público* de há umas semanas, onde transcreve um testemunho de Raul Solnado:

*“Numa das vezes que fui à Expo, em Lisboa, descobri, estranhamente, uma pequena sala completamente despojada, apenas com meia dúzia de bancos corridos. Nada mais tinha. Não existia ali qualquer sinal religioso e por essa razão pensei que aquele espaço se tratava de um templo grandioso. Quase como um espanto, senti uma sensação que nunca sentira antes e, de repente, uma vontade de rezar não sei a quem ou a quê. Sentei-me num daqueles bancos, fechei os olhos, apertei as mãos, entrelacei os dedos e comecei a sentir uma emoção rara, um silêncio absoluto. Tudo o que pensava só poderia ser trazido por um Deus que ali deveria viver e que me envolvia no*

*meu corpo amolecido. O meu pensamento aquietou-se naquele pasmo deslumbrante, naquela serenidade, naquela paz.*

*Quando os meus olhos se abriram, aquele Deus tinha desaparecido em qualquer canto que só Ele conhece, um canto que nunca ninguém conheceu e quando saí daquela porta, corri para a beira do rio para dar um grito de gratidão à minha alma, e sorri para o Universo.*

*Aquela vírgula de tempo foi o mais belo minuto de silêncio que iluminou a minha vida e fez com que eu me reencontrasse. Resta-me a esperança de que, num tempo que seja breve, me volte a acontecer. Que esse meu Deus assim queira” (Raul Solnado, *Um Vazio no Tempo*, 2007).*

Este tipo de vivência nem todos a conhecem e não faz mal nenhum.

A beleza salvará o mundo?

Que temos nós que procurar?

O que a beleza nos traz e nos oferece é colocar-nos em estado de pergunta e de encantamento que nos abrem para o encontro – encontro com Deus, encontro com o outro, encontro com o universo.

Num texto escrito por um monge, e cuja identidade desconheço, pode ler-se: *“a beleza põe-nos acima dos anestésicos clichés da vulgaridade e não pode ser uma distração alienante do essencial da nossa vida.*

*Sem beleza privamo-nos da epifania do rosto de Deus, aqui e agora. Ela é um caminho que nos leva a Deus. É a provocadora promessa de que veremos o que é belo por definição. A beleza alimenta a contemplação. Mas é também oportunidade de nos colocar mais pobres, mais limpos, mais capazes da aceitação da nossa fragilidade, mais capazes de ouvir o nosso coração profundo, mais atentos ao outro, mais próximos da vida verdadeira. Mais preparados para o amor.”*

Por isso é importante procurar na natureza e na arte momentos de puro encantamento. E no modo como nos envolvemos em casa ou no espaço de trabalho é fundamental procurar 'objectos estéticos' que mobilem o nosso quotidiano – a poesia, a música, a beleza visual... Sem alimento não sobrevivemos.

Vem a propósito referir um belíssimo texto recente do P. Tolentino de Mendonça publicado no site do Secretariado Nacional para a Pastoral da Cultura sobre o que torna uma **obra de arte uma obra religiosa**.

Comentando a obra da pintora Ilda David, o P. Tolentino cita o teólogo Tillich quanto este defende que “aquilo que une Arte e Religião não é, em última análise, o motivo tratado, mas sim o estilo. Não basta moldar um crucifixo ou um santo, nem escolher como tópico da produção artística uma cena bíblica. Precisamente um entendimento assim conduziu à banalidade e à dispersão que avultam na representação do sagrado”. Segundo Tillich, “o estilo artístico encontra em si mesmo uma significação religiosa”. Esta, ou existe no interior dele ou não existe de todo, pois não pode ser infundida, nem acrescentada. O estilo é que constitui a genuína “experiência do Espírito”, o fluxo de criação que faz estalar pelo fundo da forma “os limites da forma”, que torna o visível invisível e, talvez, e talvez, vice-versa.”

A beleza salvará o mundo? Para nós, os cristãos, vemos a total beleza naquilo que aparentemente é o seu contrário.

É a beleza de Jesus na cruz que nos salva. É essa beleza que o ressuscitou. É aí que o cristão reconhece o mistério da sua salvação. Reconhece o mistério e o sentido de uma vida dada, sem limite.

## **6. A espiritualidade das crianças e a beleza.**

As crianças são, desde que nascem, capazes de curiosidade atenta, capazes de comunicação e de espanto, capazes de encantamento. Todos os estudos sobretudo no âmbito da psicologia o dizem. Simplesmente essas capacidades

não existem descontextualizadas. O meio em que vivem pode fomentar ou esquecer essas potencialidades. Os pais e os(as) catequistas têm que ter sempre presente que elas são verdadeiramente ‘capazes de Deus’ – na profundíssima antiga expressão da Igreja. Muitos autores se têm debruçado quer sobre os níveis de profundidade do despertar espiritual das crianças, quer sobre o papel dos adultos na sua tarefa de facilitadores da experiência cristã.

R. Brodeur (1996) considera que é muitas vezes em momentos de maravilhamento, de contemplação e de contacto com pessoas que vivem e dizem da sua própria fé em Jesus que as crianças exprimem, com ‘palavras de criança’, a sua espiritualidade e colocam questões que são um sinal privilegiado do seu mundo interior e da sua relação com Deus.

Tenho na cabeça uma série de pequenos episódios de que fui testemunha ou que me contaram e que revelam uma imensa sensibilidade de crianças perante a beleza e a bondade, perante a proposta de Jesus.

Na semana passada uma amiga contou-me que o neto Miguel (9 anos) tinha dormido lá em casa. Já na cama, ela deu-lhe, para leitura de fim de dia, o livro de Lucy Wainwright, *Deus é uma pergunta* (2006). O Miguel devorou-o e no fim disse: “ó avó, é lindíssimo.” Não sabemos o que se passou na cabeça e no coração do Miguel naquela noite. Mas ficamos com aquelas palavras.

Há uns meses o meu amigo Carlos passou um fim de semana com a família alargada e ofereceu ao sobrinho (7 Anos), que vive em ambiente não-crente, o Caderno - *Onde Moras? Uma história de encontro*. Contou-me que foi um desatino porque aquela criança não descansou enquanto o tio não acabou de lhe contar toda aquela história. Que curiosidade é esta desencadeada por uma ilustração que fascina e interroga?

A Maria (7 anos) vai de vez em quando passar o fim-de-semana ao campo. É cega. Um dia, ao fim da tarde, disse: Mãe, que bom, já cheira a noite! A mãe só respondeu: graças a Deus! A Maria, quando reza em família, agradece tudo aquilo que ‘vê’ e sente: “eu queria agradecer a Jesus esta semana que correu

muito bem. E queria também agradecer o amor porque dá muito conforto”. Que experiência é esta que permite a especial atenção aos acontecimentos e ao essencial da vida?

Estas pequenas histórias dizem-nos da importância do papel dos adultos nas iniciativas que vão tendo no sentido de construir um quadro onde as crianças possam descobrir alguma coisa de fundamental para si próprias e, por isso, do valor do reconhecimento da autonomia das crianças no que diz respeito ao seu percurso de fé.

Neste caminho de propiciar aos mais novas experiências de beleza que as ajudem a abrirem-se àquilo que mais extraordinário a vida tem, vou deixar algumas pistas de possível concretização.

Aos catequistas será pedido:

- **Cuidar dos espaços/ tempos** de modo que as crianças e jovens possam viver imersos em contextos belos, acompanhados por pessoas que apontam a beleza e a contemplam. Isto pode traduzir-se em coisas muito concretas onde a criatividade de cada um(a) tem lugar fulcral.

**a)** Saídas do espaço sala a dar oportunidade de contacto com a natureza – a água, o fogo, o sol, a noite, o fogo, o silêncio...

**b)** Organização do espaço onde decorre a catequese de modo a que esteja cuidado, não tenha poluição visual, que revele preocupação com a qualidade estética das imagens e dos materiais, onde tudo esteja actualizado em função da época litúrgica, a decoração seja ao mesmo tempo alegre e sóbria.

**c)** Preparar as celebrações de modo a que sejam momentos de beleza, de interioridade e de introdução de símbolos significativos.

- **Cuidar do ambiente relacional** no que diz respeito ao acolhimento, à calma, ao tom de voz em que se comunica, ao respeito mútuo qualquer que seja a circunstância.

- **Cuidar de si próprio(a)** no que diz respeito ao seu aspecto físico, sabendo que esse é o meio de comunicação mais imediato que temos com os outros.

- **Cuidar de si próprio** no que diz respeito àquilo que procura ser 'por dentro'.  
Aí, a questão a colocar-nos será sempre - seremos nós gente em quem se reflecte a beleza de Deus? A bondade, a paz e a alegria que nos habita 'vem à cara' e ao olhar?

Fiquemos na confiança e o sopro do Espírito fará o resto.

...

## CRÉDITOS DE IMAGEM

DER GRÖSSTE UND EIN KIND - **Beate Heinen**, 1995. Ars Liturgica  
KUNSTVERLAG D-565653 MARIA LAACH